



“OFICINAS DE SEXUALIDADE”: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ma. Priscila Carozza Frasson Costa – Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná
– *campus* Luiz Meneghel – Bandeirantes-PR – priscilacarozza@uenp.edu.br

RESUMO

Os professores em formação devem obter conhecimentos teóricos que sejam facilitadores para a aplicação na prática pedagógica, de modo que possam solucionar problemas locais que estejam impedindo a ação cidadã. Este trabalho apresentará alguns resultados obtidos com um grupo de licenciandos em Ciências Biológicas que participou de um projeto de extensão em forma de oficinas de sexualidade. Os depoimentos dos licenciandos indicam a mudança de “posição” que tiveram, de acordo com o referencial de Melanie Klein, com relação a atividades de educação sexual em escolas públicas. Outro aspecto de destaque foi verificar a relevância do projeto na formação inicial, provocando mudanças sobre a maneira como encaravam a temática, refletindo sobre seus pré-conceitos e sobre as condutas mais adequadas para abordagem da sexualidade na escola. Projetos desta natureza ressaltam os benefícios que uma intervenção positiva sobre sexualidade pode representar para adolescentes e jovens no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial; Educação Sexual; Escolas Públicas

INTRODUÇÃO

A formação inicial representa uma importante etapa na preparação do professor: um curso de licenciatura deve oferecer os conhecimentos básicos teóricos indispensáveis para à prática pedagógica, aliados aos conhecimentos de cunho prático, aprendidos com a vivência e que podem auxiliar os futuros professores a solucionar problemas locais que por ventura estejam impedindo a educação cidadã.

Como escreveram Freitas, Villani e Pierson (2001), a formação inicial na perspectiva freiriana deve visar o desenvolvimento de profissionais autônomos, capazes de atuar de forma criativa a partir de uma percepção crítica da complexidade do sistema educacional, que inclui os aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, para promover práticas transformadoras na escola pública.

Nesta perspectiva, os autores ainda localizam como meta para a formação inicial a promoção do desenvolvimento de competências adequadas ao compromisso do professor com uma escola que cumpra seu papel social, com a compreensão de que é



função prioritária da educação a desmitificação de visões descontextualizadas da realidade e a promoção de uma consciência sobre um mundo que se desvela na sua relação com o homem, valorizando no processo educativo, as relações sujeito/mundo e sujeito/sujeito, buscando um diálogo verdadeiro, onde as palavras e ações procuram ser compatíveis (FREITAS, VILLANI e PIERSON, 2001).

Promover uma formação inicial que tenha elementos que favoreçam a aproximação dos conhecimentos científicos para uma atuação crítica e para a transformação social, visando à educação para a cidadania pode ser feita amparada nos princípios da transversalidade, pois como escreveu Figueiró (2006, p. 66): “[...] é no exercício da transversalidade que os professores podem obter mais chances de ter seu trabalho ligado à vida, promovendo mudanças na prática pedagógica”.

Pensar em transversalidade significa trazer em pauta a sexualidade, e para isso, se faz necessário que os professores em formação tenham conhecimento das propostas transversais para os trabalhos de orientação ou educação sexual na escola.

De acordo com Figueiró (2006, p. 27), o pressuposto essencial é o de que a formação do professor quando direcionada para a educação sexual, contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional docente e para melhoria na qualidade do ensino, podendo ainda contribuir para despertar o educador que vive adormecido em cada professor.

Em momentos de estágio em um curso de licenciatura oportunamente podem surgir momentos em que na prática pedagógica de sala de aula seja discutida a temática da sexualidade, mesmo que não esteja diretamente relacionada ao conteúdo que está sendo trabalhado no momento. Como professora da disciplina de Metodologia e Prática de Ensino de Biologia – estágio supervisionado no ensino médio, para o curso noturno de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *campus* Luiz Meneghel, procuro orientar os licenciandos a aproveitar momentos favoráveis de vivência da prática das escolas para inserir a temática, tornando significativa a contribuição do futuro professor também neste âmbito.

O desenvolvimento de projetos também podem ser experiências fecundas na formação inicial com a abordagem da temática da sexualidade, vinculando licenciandos e Educação Básica em momentos de discussão, focalizando sua própria sexualidade, seus valores, suas experiências pessoais. Neste trabalho apresentaremos alguns resultados obtidos com um grupo de licenciandos em Ciências Biológicas que participou de um



projeto de extensão em forma de oficinas de sexualidade. Os depoimentos dos licenciandos indicam a mudança de “posição” que tiveram, de acordo com o referencial de Melanie Klein, com relação a atividades de educação sexual em escolas públicas. Outro aspecto de destaque foi verificar a relevância do projeto na formação inicial, provocando mudanças sobre a maneira como encaravam a temática, refletindo sobre seus pré-conceitos e sobre as condutas mais adequadas para abordagem da sexualidade na escola.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido entre os meses de abril e outubro de 2010 com a participação de treze licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *campus* Luiz Meneghel, que aceitaram o convite para participar do projeto de forma voluntária. O projeto de extensão envolveu sete escolas da rede pública de ensino, de nível fundamental e médio, do município de Bandeirantes-PR, em que envolvemos um grupo de aproximadamente quinze alunos em cada escola, que foram atendidos com atividades de oficinas intituladas de “Oficinas de Sexualidade”.

As oficinas tiveram a duração de dez sessões e foram desenvolvidas mediante um roteiro previamente elaborado, relacionando questões como a valorização pessoal e dos outros, dos “diferentes”, privilegiando os anseios, medos e dúvidas dos jovens, estabelecendo o diálogo aberto, evitando julgamentos e conduzindo as orientações com ênfase na prevenção. Os temas biológicos também foram trabalhados, tais como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), métodos contraceptivos, aparelhos reprodutores, gravidez e menstruação, de modo que pudéssemos fornecer o acesso aos conhecimentos científicos relacionados à sexualidade.

Utilizamos metodologias distintas em cada oficina, para motivar os alunos, prender a atenção e oportunizar a reflexão sobre qual o sentido da sexualidade para cada indivíduo. Os licenciandos familiarizaram-se previamente com os materiais didáticos de apoio tais como: modelos, álbuns seriados, quadro imantado, slides e se sentiam preparados para manuseá-los. Os recursos didáticos foram de fundamental auxílio para a condução das oficinas.

Para fazer o atendimento dos alunos da Educação Básica os licenciandos formaram duplas e se direcionaram à uma escola, criando inclusive um vínculo afetivo com os alunos. Antes de cada oficina aplicada na escola houve a supervisão e orientação

dos licenciandos, para que fossem sanadas suas dúvidas e para observar suas reações diante das atividades propostas.

Além do treinamento prévio dos licenciandos quanto aos temas específicos que seriam trabalhados em cada oficina, trabalhamos no sentido de que os futuros professores percebessem a importância de refletir sobre a temática para poder propor ações nas escolas, a partir das dificuldades detectadas.

Nossa intenção foi promover discussões entre os licenciandos, a partir das expectativas que tinham antes de iniciar as oficinas, confrontando com as experiências vividas e observar suas opiniões acerca da relevância do projeto “Oficinas de Sexualidade” na formação como professores de Ciências.

DESENVOLVIMENTO

Para a análise dos resultados utilizaremos os conceitos da psicanalista Melanie Klein, que ajuda na compreensão do amadurecimento do aparelho psíquico humano. A autora reconhece as posições esquizo-paranóide e depressiva, como fenômenos normais do desenvolvimento mental humano. Para Melanie Klein, como indicam os autores Rappaport e Simon (2005), o sujeito pode migrar de uma posição para a outra, não só no desenvolvimento da criança, mas em qualquer fase da vida adulta; conseqüentemente, o ser humano oscila ao longo de sua vida entre essas duas posições.

A posição esquizo-paranóide antecede a depressiva. Outro aspecto importante é de que o ser humano nunca apresenta só a posição esquizo-paranóide nem só a depressiva, o que ocorre é a predominância de uma ou de outra em um processo não patológico. A posição esquizo-paranóide na criança é reconhecida quando esta não identifica a mãe como um todo, o seio da mãe ora é visto como objeto bom, que sacia a fome, que dá afeto e carinho, ora é visto como objeto mau, que gera frustrações e angústias. Nessa visão ocorre uma idealização do objeto bom. Na fase depressiva a criança reconhece a mãe como um todo, portanto o bem e o mal fazem parte do mesmo objeto. Ocorre simultaneamente a mudança na relação de objetos: da relação de objetos parciais para o objeto total (RAPPAPORT; SIMON, 2005).

No início do projeto, antes de iniciarmos as oficinas, alguns depoimentos mostram as expectativas que os licenciandos tinham sobre como seria a recepção dos

alunos e sobre o impacto das oficinas na vida dos mesmos. Ressaltamos que os nomes dos alunos são fictícios, de modo a preservar suas verdadeiras identidades.

Mônica – Minha expectativa é poder passar informações, curiosidades, tirar dúvidas, ouvir experiências, encontrar e descobrir em cada um ou no grupo, quais as maiores dificuldades e do que mais necessitam. Estou apostando neste projeto!

Ana Maria – Acredito que os alunos precisam muito de informações e orientação, porque na fase em que se encontram, sentem-se confusos sobre sentimentos, ações e têm muitas curiosidades a respeito do tema sexualidade.

Thalita – Eu acho que por causa da temática, logo de primeiro momento já teremos perguntas, dúvidas, relatos, comentários. Vou me preparar.

Ivan – Confesso que estou sentindo um nervosismo em não conseguir atender as expectativas dos alunos, que com certeza precisam de muitas informações, também uma tensão assim por não saber com que tipo de pessoas eu vou lidar. Como sempre quis seguir essa profissão, acho que é hora de enfrentar e conhecer a realidade e a sentir mesmo através das oficinas o que é uma sala de aula.

Percebemos inicialmente que havia grandes expectativas para que alcançassem sucesso com a experiência das oficinas e também uma certa insegurança dos licenciandos em não saber o que encontrariam pela frente nas escolas: como seriam os alunos, como eles reagiriam frente à temática, não sabiam como fariam para conduzir as atividades, especialmente porque este seria um projeto diferente de qualquer outro que já tivessem participado. Sobretudo para estes alunos em formação, o objetivo de alguns era conhecer melhor uma escola pública, ter ideia de como os alunos se comportam, enfim, vivenciar na prática a licenciatura, como preparo ao estágio e como perspectiva de profissão.

Os licenciandos estavam animados com a possibilidade de contribuir com as escolas no preparo de seus alunos frente à temática, pois estavam certos de que encontrariam alunos ávidos por conhecimento e com dúvidas as quais estariam preparados para sanar.

Após o término das oficinas, promovemos encontros com os licenciandos para que relatassem as experiências vividas nas oficinas, com o intuito de perceber se as expectativas iniciais haviam sido alcançadas. Relacionamos alguns depoimentos:



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Tatiana – *O projeto me serviu para liberar quaisquer problemas em tratar o tema, eu procurei me colocar no lugar de todos os participantes das oficinas, adolescente de 15 anos, um jovem que fica e não quer saber de namorar, a garota que a avó não deixa sair de casa a noite e etc. Assim, eu acho que consegui tirar algumas dúvidas que todos eles possuem, mas não conseguem expor.*

Angélica – *Das expectativas que eu tinha no início do projeto, em parte pude alcançá-las, porque assuntos relacionados à afetividade, os jovens e adolescentes pouco valorizam, tanto que a palavra sexualidade para muitos significa apenas sexo, ficando “de lado” a questão do “friozinho na barriga”, o amor, o apaixonar-se e viver de maneira carinhosa a paquera, antes de partir para o ato em si de ficar e fazer o sexo. Espero ter conscientizado os alunos sobre a importância da afetividade, o carinho e o primeiro amor, fazendo com que eles compreendam que sentimentos assim são até mais importantes que o próprio ato e ações, e que quando gosta e se sente bem ao lado do parceiro, a segurança em si e no próximo tornam o sexo muito mais importante.*

Amanda – *Sinceramente, achei que fosse mais difícil, não conhecia o colégio e o que ouvia dizer é que era “escola de favela”, que era uma das piores da cidade, mas percebi que é bem o contrário, tem uma galera que é bagunceira e tal, mas são bem interessados, fazem perguntas na hora, até já sabem algumas coisas, o que me impressionou, porque acabei me saindo pior que eles.*

Léia – *Fiquei surpresa com o que encontramos: na nossa escola tinha especialmente um grupinho de alunas com muita vergonha ao se tratar do tema sexualidade, muitas vezes pareceu que mesmo com as dúvidas elas não queriam perguntar, nem mesmo na caixinha ou no e-mail. Além do que, pela realidade da escola, por existirem casos de gravidez e meninas que se prostituem, as meninas de nosso grupo eram bem inocentes, o que mostrou que os que mais necessitavam de orientação, não apareceram nas oficinas. Outro aspecto que percebi foi a dificuldade em superar o preconceito sobre a homossexualidade. Antes das oficinas eu imaginava que as crianças de hoje já estariam habituadas e sem um grande preconceito, e o que verificamos foi justamente o contrário em relação a este tema.*

Daiane – *Esperava que houvesse maior interesse por parte deles. No início até teve, mas como a cada oficina o número diminuiu cada vez mais, eu esperava maior frequência. Eu também pensei que eles tivessem uma noção maior sobre o tema, porque já são mais grandinhos.*

Pelos depoimentos obtidos percebemos que as expectativas dos licenciandos formam parcialmente alcançadas, pois houve frustração em alguns casos, principalmente quanto ao desinteresse de alguns grupos de alunos. Outro aspecto que destacamos e que

causou espanto foi em relação ao posicionamento de alguns adolescentes sobre os homossexuais. Levando este aspecto para a discussão no grande grupo, observamos o desconforto nas escolas em abordar o tema homossexualidade, ousando dizer que ainda há muito o que ser trabalhado para que haja uma sociedade mais igualitária e cidadã.

Sobre o referencial de Melanie Klein, indicado pelos autores Rappaport e Simon (2005) se o aplicarmos para interpretar as posições dos licenciandos, percebemos que no decorrer do projeto eles foram modificando as suposições que tinham quanto ao comportamento dos alunos das escolas: inicialmente encontravam-se na posição esquizo-paranóide, com a idealização de oficinas que resolvessem as dúvidas dos alunos, e que estes mesmos alunos seriam questionadores, curiosos, participativos, que soubessem os nomes dos órgãos reprodutores (pelo menos os alunos das 8^{as} séries), entre outras expectativas.

Contudo, o que encontraram foram jovens desinformados, sem clareza de nomes ou funções dos órgãos reprodutores masculino e feminino, jovens tímidos, mas também capazes de dizer que sexo não está necessariamente relacionado com amor, afeto ou paixão; por vezes preconceituosos e por vezes desinteressados, passando para a posição depressiva, com a percepção do todo, ou seja, todas as dificuldades verificadas na escola como falta de atenção dos alunos, falta de estrutura na escola, desinteresse dos professores, aliadas às dificuldades inerentes à temática da sexualidade.

Em algumas escolas o grupo de alunos participantes diminuiu significativamente no decorrer do projeto e esta foi a maior decepção dos licenciandos, foi quando se consolidou a posição depressiva. Tentavam entender o porquê da ausência/desistência de alunos em maior ou menor proporção em algumas escolas: perguntavam aos colegas, aos professores e as sugestões para o abandono eram de desinteresse gratuito, ou seja, em alguns casos a preguiça falava mais alto e também era verificada em outras atividades do contraturno oferecidas pelas escolas; em outros casos não houve empatia e por fim, pode ser que a forma de abordagem inicial não tenha agradado, o que fez com que desistissem de ir aos encontros.

Com relação à relevância que este projeto sobre sexualidade teve para a formação dos licenciandos, temos alguns depoimentos:

Fabiola – Foi com o projeto que descobri o meu interesse por dar aulas, hoje eu penso que se eu quero fazer a diferença para alguém é dando aula que vou

conseguir e não como uma obrigação, dando aula porque gosto. Além do mais, o projeto me preparou para falar com naturalidade sobre assuntos que ainda são vistos como tabu.

Amanda – Foi muito significativo para minha formação inicial como profissional e para minha comunicação em público no sentido de saber como e quando lidar com esta temática nas escolas.

Ivan – O projeto significou muito para mim. Foi um grande desafio. Acho que me soltei mais, aprendi a desenvolver temas que geralmente professores morrem de medo de trabalhar na tranquilidade. Além de aprender a me preparar para o assunto e a estar diante dos alunos. Acrescentou muito na minha vida como professor com certeza.

Mônica – O desenvolvimento das oficinas me deixou mais desinibida, com mais didática, à vontade para falar em público e mudou minha ideia de dar aula, porque antes eu não queria.

Percebemos pelos depoimentos dos licenciandos que além de atribuírem maior importância para a abordagem destes temas nas escolas, para abrir canais de comunicação com os adolescentes, permitindo que seja estabelecido o diálogo, para diminuir preconceitos, diminuir os casos de DSTs e gravidez pela tomada de consciência sobre a prevenção, também houve a valorização da licenciatura, ampliando a vontade em ser professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos dados provenientes dos depoimentos dos licenciandos que participaram do projeto “Oficinas de Sexualidade” é possível inferir que houve mudanças quanto à forma como encaravam a temática da sexualidade, atentando para os benefícios que uma intervenção positiva pode representar para adolescentes e jovens em escolas públicas.

De outra experiência relatada sobre os benefícios de projetos que envolvam a sexualidade escreveu Maistro (2006):

[...] um projeto de Orientação Sexual deve ter como possibilidades o favorecimento de informações, de discussões acerca dos diversos assuntos relacionados à sexualidade, considerando-a em suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural, sendo um trabalho que adote princípios norteadores condizentes com uma educação

voltada para a cidadania, priorizando o reconhecimento do saudável, do respeito a si próprio e ao outro, bem como respeito às diversidades de valores e crenças e comportamentos relativos à sexualidade. Mas ele passa a ser um fator limitante no momento em que as discussões sobre valores estão desvinculadas de uma prática coerente, sem uma vivência efetiva da palavra que se adota, sem o exercício cotidiano da harmonia, da tolerância, do respeito e da concórdia, entre tantas diversidades que são encontradas no ambiente escolar (MAISTRO, 2006, p. 188).

Neste sentido, acreditamos ter conseguido realizar muitos destes benefícios com os alunos das escolas, pelo comprometimento dos licenciandos em desenvolver os temas das oficinas da maneira mais atrativa e vinculada com o discurso da prevenção.

Embora os licenciandos tenham percebido que nem todas as expectativas foram alcançadas, sendo “o bom” e “o mal”, parte do mesmo objeto, o projeto “Oficinas de Sexualidade” representou uma ótima experiência para licenciandos na formação inicial, pois promoveu o contato próximo com alunos de nível fundamental e médio, permitindo que os futuros professores possam dedicar-se à estas questões que emergem no interior da escola e que por várias razões que não nos compete relacionar neste trabalho, são deixadas de lado por diretores, pedagogos e professores.

Acreditamos que projetos desta natureza devem fazer parte das atividades extracurriculares oferecidas a acadêmicos de cursos de licenciatura, já que se faz necessária a abordagem da temática da sexualidade nas escolas, e já que é papel da Universidade primar pela qualidade de ensino. Estamos comprometidos a melhorar o quadro de “professores despreparados” a lidar com ‘questões delicadas’, tais como observamos com frequências pelas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível.** Londrina: EDUEL, Campinas: Mercado de Letras, 2006.

FREITAS, D.; VILLANI, A.; PIERSON, A. H. C. A Formação de Professores em Ciências. Freire Dialogando com a Psicanálise. **Pro-Posições** (UNICAMP), Campinas, v. 13, n. 1, p. 25, 2001.

MAISTRO, V. I. de A. Projetos de Orientação Sexual na escola: seus limites e suas possibilidades. 250f. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação



Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <http://www2.uel.br/cce/pos/mecem/pdf/Dissertacoes/Virginia_Iara_Andrade_Maistro.pdf. //> Acesso em: 05 dez. 2010.

RAPPAPORT, C. R. (coord.); SIMON, R. **Temas Básicos de Psicologia. Introdução à Psicanálise: Melanie Klein**. 5ª reimpressão, v. 17, São Paulo: EPU, 2005.

SIMON, C. P. (1999). **Prostituição Juvenil Feminina**: uma abordagem compreensiva. Dissertação (mestrado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999. In: SOUZA, R. A. de. **Prostituição juvenil feminina**. A escolha, as experiências e as ambiguidades do 'fazer programas'. Curitiba: Juruá, 2009.